

HONRA, TRABALHO E MORTE: A Shindo Renmei e sua campanha pela preservação da etnicidade japonesa no Brasil

Anderson Luiz Santos Romeira¹, Prof^a Doutora Valeria Zanetti²

¹Univap/Curso de História, Av. Shishima Hifumi 2911, Urbanova, CEP – 12224000, São José dos Campos, São Paulo,

andersonromeira@gmail.com

²Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica – IP&D, Av. Shishima Hifumi 2911, Urbanova, CEP – 12224000, São José dos Campos, São Paulo,

vzanetti@univap.br

Resumo – O presente trabalho tem como objeto a análise da Shindo Renmei (Liga do Caminho dos Súditos) e sua influencia na formação da identidade da comunidade nipônica no Brasil. Trata-se de uma sociedade secreta japonesa que surgiu em São Paulo, em 1942, espalhando-se rapidamente para outros estados brasileiros. A pesquisa tem revelado que o surgimento da Shindo Renmei foi uma contra-estratégia utilizada por nipônicos para a manutenção da etnicidade japonesa nos trópicos, noutras palavras, para a formação de um Brasil japonizado. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a comunidade nipônica e nipo-brasileira dividiu-se em vitoristas (kachigumi) e derrotistas (makegumi). Os vitoristas, integrados por membros da Shindo e associações congêneres, recusaram-se a aceitar a derrota do Japão para as forças aliadas. Mais ainda: passaram a perseguir todos os japoneses e descendentes que reconheciam que o Sol Nascente havia perdido a guerra. Em alguns momentos, tais nipônicos e nikkeis – tidos como derrotistas – foram assassinados pelos kachigumi.

Palavras-chave: Shindo Renmei, Etnicidade, Estado Novo, Getulio Vargas, História

Área do Conhecimento: História

Introdução

Com o término da Segunda Guerra Mundial, os membros da Shindo Renmei e de outras associações clandestinas recusaram-se a aceitar a derrota do Japão para as forças aliadas. Mas não apenas isso. Passaram a vincular uma série de notícias falsas, segundo as quais o Japão havia vencido os seus adversários no Pacífico. A família real japonesa estaria enviando seus representantes para repatriar os nipônicos e descendentes radicados nos trópicos e os repatriados ocupariam as terras conquistadas aos países inimigos. Além disso, os sócios da Shindo organizaram milícias Batalhões do Vento Divino, cujo objetivo era intimidar ou assassinar os japoneses e descendentes que reconhecessem, em público, que o Japão havia perdido a guerra. O resultado desse processo foi a clivagem da comunidade nipônica e nipo-brasileira em dois grupos: vitoristas e derrotistas (ou patriotas e esclarecidos, ou ainda, kachigumi e makegumi).

Um dos aspectos mais interessantes desse fenômeno histórico é que ele ocorreu exclusivamente no Brasil. Jeffrey Lesser tentou conseguir indícios da presença da Shindo Renmei nos Estados Unidos e no Canadá

(locais de grande concentração de imigrantes) sem obter êxito.

Metodologia

Para realizarmos este trabalho, nos basearemos principalmente nos relatos dos descendentes de japoneses e dos membros da Shindo Renmei e nos depoimentos e relatórios pertencentes ao DOPS, encontrados nos Arquivo do Estado do Rio de Janeiro e de São Paulo. Alguns periódicos também foram pesquisados, a saber: O Estado de São Paulo, O Jornal, O Diário de Mogi e Minami Nippon Shimbun, além de fontes secundárias sobre o período em questão.

Discussão

Com o término da Segunda Grande Guerra, houve uma clivagem na comunidade japonesa e nikkei no Brasil. Na verdade, ela dividiu-se em dois grupos: os kachigumi (“patriotas” ou “vitoristas”) e os makegumi (“derrotistas” ou “esclarecidos”) (Tigner, Op. Cit.; Nakadate, Op. Cit.). Os vitoristas – caracterizados por um nacionalismo exacerbado - representavam a maior parte da comunidade, algo em torno de 80%. Definiam-se dessa maneira porquê acreditavam que o Japão havia ganho a guerra. Geralmente, eram lavradores, tintureiros,

ex-militares que dominavam mal a língua portuguesa e apresentavam um baixo nível cultural e econômico. Embora tentassem refazer a vida nos trópicos, fortes laços emocionais mantinham-nos ligados à terra natal. Os derrotistas, noutro pólo, compunham um grupo bem menor. Foram assim denominados pelos kachigumi por reconhecerem a derrota da nação nipônica diante das forças aliadas. Eram formados por indivíduos que detinham uma situação econômica e um lastro cultural importante. Eram comerciantes, funcionários públicos, profissionais liberais, em suma, elementos que já estavam integrados à sociedade brasileira.

No dia 2 de setembro de 1945, a rendição incondicional do Japão foi assinada por seus representantes a bordo do porta-aviões norte-americano Missouri, na baía de Tóquio. No Brasil, entretanto, os vitoristas negavam-se a acreditar nessa informação considerando-a um estratagema elaborado pela propaganda americana (Dezem, p. 54) E em tempo recorde organizaram um contra-ataque. Na mesma data, na cidade de Pinheiros, São Paulo, surgiram boatos de que um diplomata japonês viria brevemente ao país para ratificar a vitória do Sol Nascente, e que compatriotas residentes entre nós deveriam produzir bandeiras nipônicas para recebê-lo (Idem).

Um panfleto apreendido pela polícia paulista informava que uma esquadra da Marinha imperial japonesa chegaria ao porto de Santos, em 11 de setembro, e repatriaria os nipônicos que viviam em território brasileiro (Morais, Op. Cit., p. 93). Na data marcada aproximadamente 2 mil japoneses oriundos de diversas regiões de São Paulo deslocaram-se para o porto. Para a decepção dos patrícios nenhum navio japonês apareceu. Pouco tempo depois, passou a circular no estado um outro folheto segundo o qual a chegada da Marinha nipônica havia sido transferida para o dia 24. Desta feita os navios japoneses atracariam no porto do Rio de Janeiro (Idem). Uma vez mais as embarcações não vieram. Em função dos boatos e das informações desencontradas a situação dos japoneses em São Paulo tornou-se cada vez mais difícil. Houve um aumento do preconceito em relação a eles como deixa entrever o documento elaborado pelo delegado de Bastos, Luiz Bernardo de Godoy e Vasconcelos. Conhecido por sua truculência, Vasconcelos impôs duríssimas leis aos nipônicos:

Aos japoneses

Não obstante a ação amena, complacente mesmo, desta delegacia, para com os súditos de uma Nação, ontem, a caminho da derrota, hoje, humilhante e fragorosamente vencida, não tendes sabido compreender nosso benévolo, nosso

humano proceder para convosco.

Vindes abusando da nossa paciência, da superior condescendência das autoridades que governam um povo superior, que não vos tem tratado como inimigos, como derrotados inimigos. Nós vos vimos tratando como da espécie humana, porém, tem sido inútil nossa superior condescendência.

Em face, pois, da vossa demonstrada má fé, da vossa veiedade de resistir, da vossa insana teimosia, esta delegacia, sob pena de severa punição, vos informa o seguinte:

a) deveis vos expressar em idioma português, em lugares públicos ou de acesso ao público (vias públicas, casas comerciais, escritórios etc.).

b) até segunda ordem, fica terminantemente proibido: vos reunirdes sem licença da autoridade em casas particulares, em clubes, em escolas, sob qualquer pretexto; praticardes os desportos atléticos; ouvirdes irradiações estrangeiras.

c) serão responsabilizados os proprietários de casas comerciais, os diretores, ou gerentes de estabelecimentos que permitirem a prática dos atos constantes de supracitadas proibições.

d) o boato será energicamente reprimido.

Bastos, 28 de setembro de 1945

O delegado de polícia

(O Estado de São Paulo, 26 de março de 1946)

As investigações levaram os policiais a concluir que por trás da boataria estavam as sociedades secretas. Até 1942 havia quase trinta associações japonesas no Brasil. Apesar das leis de guerra proibirem oficialmente o funcionamento de tais associações, algumas atuavam na clandestinidade (Morais, pp.102,103) Caracterizavam-se por um forte apelo nacionalista. No entanto, nenhuma delas tornou-se tão poderosa quanto a Shindo Renmei (Liga do Caminho dos Súditos). Seu fundador chamava-se Junji Kikawa.

Kikawa nasceu na cidade de Niigata, em 1877, Para sustentar a mulher e os sete filhos, Kikawa desempenhou ao longo de dez anos vários ofícios. Porém, a crise econômica experimentada pelo Japão o fez migrar para o Brasil, em 1933, aos 55 anos de idade (Idem) Como muitos de seus compatriotas tentaria uma nova vida nos trópicos. Ele e a família foram para Rancharia, interior de São Paulo.

Ali Kikawa obteve terras junto a uma cooperativa para investir na plantação de algodão. Embora distante de sua terra natal, jamais esqueceu os hábitos adquiridos no Japão. Ao contrário. Toda manhã, após despertar invariavelmente cedo e se

vestir de maneira ritualizada, ele voltava-se em direção ao Nascente e fazia uma longa reverência ao imperador. Em seguida deslocava-se até um oratório xintoísta e rezava evocando a deusa Amaterasu Omikami. Só então considerava-se preparado para iniciar seu dia (Nakadate, p. 611).

Sem ter muita sorte com a agricultura, em 1940, Kikawa mudou-se com a família para um sobrado na rua Vergueiro, número 3427, São Paulo. Ali retomou uma antiga profissão: a de tintureiro. Malgrado fosse um homem introspectivo, de poucas palavras, logo tornou-se popular junto aos seus conterrâneos. Tanto mais que, em 1941, foi eleito presidente da Liga das Tinturarias de São Paulo (Morais, p. 71). E em meados do ano seguinte, a pretexto de um casamento, Kikawa reuniu-se com aproximadamente quatrocentos japoneses – de várias partes de São Paulo - no Hotel Sawaya, em Marília, e fundou a Shindo Renmei (Idem, pp. 99-102). Qual era a intenção de Kikawa ao criar uma sociedade clandestina? a política do Estado Novo visava a construção da nacionalidade. Para alcançar esse objetivo, em 1938, o regime organizou a campanha da nacionalização, um projeto autoritário que previa, entre outras tarefas, a erradicação dos “quistos étnicos”. Não por outra razão a ditadura estadonovista empreendeu uma grande reforma educacional. Uma de suas principais características era a obrigatoriedade do ensino em língua portuguesa. Essa imposição – atrelada a outras – tornou o funcionamento das escolas estrangeiras impraticável. Tal consequência mostrou-se particularmente grave para a maioria dos japoneses e nikkeis, uma vez que a escola atuava como um agente socializador. Era através dela que se perpetuava a adoração ao imperador, a religião xintoísta, o gambarê, em suma, os traços culturais formadores da etnicidade nipônica. A eclosão da Segunda Guerra Mundial, sobretudo o ataque à Pearl Harbor, cerceou ainda mais as atividades étnicas japonesas. Tal radicalização deve ser entendida obviamente dentro de um contexto de segurança nacional. Contudo, ao se problematizar os documentos nota-se um pano de fundo marcado pelo racismo antinipônico.

Impossibilitado de repassar as tradições do Japão para seus descendentes, especialmente o culto ao soberano, Junji Kikawa – e outros japoneses – decidiu organizar a Shindo Renmei. A fundação da sociedade secreta significava, na realidade, uma contra-estratégia para enfrentar a política arbitrária estadonovista de produção da identidade nacional. Em uma palavra: uma resistência étnica (Guibernau, pp. 70-72). Apenas artificialmente incluído, o grupo majoritário da comunidade japonesa e nikkei chamou para si a responsabilidade de salvaguardar os símbolos culturais do Sol Nascente em terras tropicais.

Contudo, em nome do imperador os membros da Shindo Renmei praticaram crimes atroz, sendo os atentados e assassinatos os mais terríveis.

No período mais intenso de atuação da Shindô-Renmei, o Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo (Deops) promoveu uma busca estruturada contra os terroristas. Prendeu mais de duas mil pessoas e 390 foram indiciados. Em 10 de agosto de 1946, decretou a expulsão do território brasileiro de 81 japoneses que integravam a organização. Eles foram enviados para o Instituto Correcional da Ilha de Anchieta. O julgamento começou em agosto de 1949 e só terminou em 13 de outubro de 1958 com o arquivamento do caso, que havia sido proscrito. Ao mesmo tempo, os imigrantes começaram a tomar consciência da derrota japonesa, principalmente depois do restabelecimento da comunicação com as vítimas de guerra no Japão. A partir de junho de 1947, eles passam a ajudá-las por meio da Cruz Vermelha, e muitos japoneses escrevem relatando a triste história. Começa aí a se dissipar a idéia da derrota

Conclusão

As ações praticadas pela Shindo Renmei Entre os anos de 1946 e 1947, tiveram uma grande influencia na formação da identidade étnica e cultural da comunidade niponica no Brasil. A partir do fim da organização, vida da comunide aos poucos foi voltando ao normal, mas, a essa altura, os parentes dos imigrantes japoneses que viviam no Japão já haviam mandado cartas para o Brasil, relatando a situação difícil em que se encontrava o país no pós-guerra. Para a maioria quase absoluta das famílias que aqui estavam, o fim da Shindo Renmei representou o fim do sonho de retornar ao Japão. Os imigrantes se convenceram, então, da necessidade de preparar os filhos – ao menos os caçulas – para ascender na sociedade brasileira. Para isso, mudaram de cenário – foram do campo para a cidade. É no ambiente urbano que começa o processo de assimilação da comunidade japonesa pela sociedade brasileira.

Referências

Bahiense da Silva, Carlos Leonardo. “Japão e a Segunda Guerra Mundial” in: Teixeira da Silva (org.). *Enciclopédia de guerras e revoluções do século XX- as grandes transformações do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

Handa, Tomoo. *O imigrante japonês – história de sua vida no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

Hatanaka, Maria Lúcia Eiko. *O processo judicial da Shindo Renmei – um fragmento da história dos imigrantes japoneses no Brasil*. São Paulo: Puc/SP, 1993, (dissertação de Mestrado em ciências sociais).

Lesser, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional – imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2001.

_____. “O DEOPS e a Shindo Renmei” in: *Revista Histórica*. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, n.6, março de 2002.

Maeyama, Takashi. “O antepassado, o imperador e o imigrante” in: Saito, Hiroshi; Maeyama, Takashi (org.). *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. São Paulo/Rio de Janeiro: Vozes/Edusp, 1973.

Morais, Fernando. *Corações Sujos – a história da Shindo Renmei* São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Nakadate, Jouji. *O Japão venceu os Aliados na Segunda Guerra Mundial ? – o movimento social da Shindo Renmei*. São Paulo: Puc/SP, 1988, (dissertação de Mestrado em história).

Sakashita, Jay. “Religiões japonesas” in: Bowker, John (org.). *O livro de ouro das religiões*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

Sakurai, Célia. “Imigração japonesa para o Brasil: um exemplo de imigração tutelada (1908-1941) in: Fausto, Boris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000.

Seyferth, Giralda. “Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo” in: Pandolfi Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora Fgv, 1999.

Takeuchi, Marcia Yumi. *O perigo amarelo em tempos de guerra (1939-1945)*. São Paulo: Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial do Estado, 2002.

Tigner, Lawrence James. “Shindo Renmei - japanese nationalism in Brazil” in: *The hispanic american historical review*. (?): v. 41, n. 4, 1961.

Todorov, Tzvetan. *Em face do extremo*. São Paulo: Papirus Editora, 1995.

Vianna, Luiz Werneck. “O Estado Novo e a ‘ampliação’ autoritária da República” in: Carvalho, Maria Alice Rezende de (org.). *República no Catete*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2001.